

## COMPORTAMENTO SEXUAL DE ESTUDANTES DE MEDICINA DO BRASIL: UM ESTUDO MULTICÊNTRICO

Adria Natuane Nogueira Fonseca<sup>1</sup>; André Luciano Manoel<sup>1</sup>; Fabiana Schuelter-Trevisol<sup>2</sup>; Jessica Onofre de Brito Lima<sup>1</sup>; Matheus Rocha Maia<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Acadêmico de Medicina; <sup>2</sup> Doutora em Ciências da Saúde

adria\_natuane@hotmail.com

Universidade Federal do Pará (UFPA); Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

**Introdução:** Pode-se definir a sexualidade como uma entidade abrangente do comportamento humano que agrega atitudes e posicionamentos constantemente mutáveis em uma soma de fatores psicológicos, biológicos, emocionais, sociais e culturais (SALLA; QUINTANA, 2002). **Objetivo:** O Ministério da Saúde Brasileiro realiza, a cada três anos, a busca por comportamentos de risco na população geral; de forma que este estudo objetivou identificar tais comportamentos entre estudantes de medicina do Brasil pelas possíveis influências em futuras práticas clínicas (BRASIL, 2011). **Métodos:** Foram convidadas inicialmente a compor o estudo as 58 universidades brasileiras membros da *International Federation of Medical Students' Association of Brazil* (IFMSA-Brasil). O estudo possui delineamento transversal do tipo multicêntrico e utilizou-se instrumento de coleta de dados baseado no questionário "Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira" (PCAP), que é utilizado pelo Ministério da Saúde. Das 58 universidades, 11 delas integraram o estudo após conclusão de etapas metodológicas obrigatórias, de modo que o conjunto de alunos das mesmas gerou um universo em estudo de 6.722 estudantes de medicina regularmente matriculados em março de 2014. Utilizando-se a prevalência desconhecida do desfecho em 50%, com erro de 5% e margem de erro de 1% a amostra mínima necessária ao estudo era de 367 universitários para um nível de confiança de 95%. Foi feita amostragem aleatória estratificada proporcional, e sorteou-se 10% do corpo discente para participar como sujeitos da pesquisa. Mediante o sorteio do participante, pelas listas de chamada, o coordenador local do estudo, filiado a IFMSA Brazil, fez o convite ao sorteado e o aceite se deu mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O proponente deste estudo encaminhou o questionário virtual "Percepções sobre HIV/AIDS, Gravidez e Sexualidade", que possui 83 questões divididas em 10 partes, para preenchimento anônimo via Google Docs. O cálculo da amostra foi feito com o programa *Open Source Epidemiologic Statistics for Public Health* (OpenEpi), versão 2.3.1. O preenchimento do formulário eletrônico gerou automaticamente um banco de dados em formato Microsoft Office Excel 2007 (Microsoft Corporation, Redmond, WA, USA). A análise estatística foi realizada com o auxílio do software *Statistical Product and Service Solutions* (SPSS for Windows v 20 Chicago, IL, USA). Foi utilizada a epidemiologia descritiva para apresentação dos dados, sendo as variáveis qualitativas expressas em proporções e as variáveis quantitativas em medidas de tendência central e dispersão. Para se verificar a associação entre as variáveis de interesse foi utilizado o teste de qui-quadrado de Pearson para as variáveis categóricas e o teste de t de Student para a comparação entre médias. Nos casos distribuição não normal foi empregado a estatística não paramétrica com aplicação do teste U de Wilcoxon-Mann-Whitney para comparação das medianas. O nível de significância estabelecido foi de 5%. **Resultados/Discussão:** Dos entrevistados, 244 (53,2%) eram mulheres, 284 (61,9%) identificaram-se como brancos, 136 (29,6%) pardos e os demais pretos ou indígenas. A média de idade foi de 22,7 (DP=3,4) anos, variando entre 18 e 37 anos de idade. A religião católica foi

predominante com 230 indivíduos (50,1%), seguida pelos evangélicos com 53 (11,6%). Dos entrevistados 80,4% (369) dizem já ter passado pela sexarca. Dentre os homens, 86,9% (187) já tiveram sua primeira relação sexual e dentre as mulheres 74% (182), apontando  $p < 0,001$ . Apenas 13,5% (50) da amostra teve sua sexarca antes dos 15 anos, porém entre os homens este número sobe para 22,5% (42) e entre as mulheres é reduzido para 4,4% (8),  $p < 0,001$ . Da amostra estudada 40,6% (150) teve a sexarca com parceiro casual, 62,5% (117) se analisarmos os homens e 18,1% (33) das mulheres,  $p < 0,001$ . Dentre aqueles que ainda não tiveram sua primeira relação sexual, os motivos mais citados foram a falta de uma parceria ideal e adequada (24,6%) e a vontade de casar-se virgem (23,9%). Observou-se que 71% (262) dos estudados dizem ter feito uso do preservativo na sexarca, houve uma pequena variação de acordo com o gênero: 68,2% (127) entre os homens e 74,2% (135) entre as mulheres,  $p = 0,294$ . O motivo mais citado para o uso do preservativo foi a associação da prevenção de DST/aids e anticoncepção. Porém, notou-se que para as mulheres faz-se mais importante a anticoncepção em 47,8% (64) dos casos contra 29% (36) entre os homens,  $p < 0,001$ . Na amostra total, 79,3% dos indivíduos disse que a iniciativa para o uso do preservativo na sexarca veio de ambos. Todavia, dentre os homens 25% disse que a iniciativa partiu de si mesmo, enquanto dentre as mulheres apenas 8,9% fizeram tal afirmação,  $p = 0,001$  isso pode ser atribuído ao pensamento machista presente na sociedade brasileira, no qual a mulher pode não se sentir confortável para tal iniciativa. Dos que disseram não ter feito uso de preservativo na sexarca, o motivo mais citado foi a confiança na parceria em 26,8% dos casos, 18,9% alegaram não ter preservativo na hora da relação sexual e 18,2% acreditavam que o parceiro também era virgem. Entre os participantes sexualmente ativos, 46,1% afirma que costuma obter o preservativo em farmácias comerciais e 14,8% em supermercados, sendo estes os locais mais citados. Os entrevistados foram questionados quanto a prática de comportamentos sexuais de risco e 14,4% (53) da amostra diz já ter tido algum tipo de relação sexual com pessoas do mesmo sexo, tal número se torna mais expressivo entre os homens - 23,5% (44) - e menos entre as mulheres - 4,9% (9), valor de  $p < 0,001$ . Dos entrevistados 65,9% (242) diz já ter feito uso de álcool ou outras drogas antes de uma relação sexual, 53,7% (130) dos homens e 46,3% (112) das mulheres,  $p = 0,105$ . 53,8% (198) dizem já ter realizado o teste de HIV. Questionou-se a exposição à violência sexual e 18% dos entrevistados dizem já ter sofrido estupro, nessas três últimas variáveis não houve diferença significativa entre os gêneros. A mediana do número de parceiros sexuais ao longo da vida foi de 2, sendo a mediana de 5 para homens e 2 para mulheres, esta diferença foi estatisticamente significativa ( $p < 0,001$ ). Com relação à contracepção, 189 (68,3%) dos entrevistados alegaram utilizar outros métodos de contracepção excluindo o uso de preservativo, sendo a pílula anticoncepcional (63,6%) e o coito interrompido (20,4%) os métodos mais citados. As mulheres mencionaram o maior uso de método contraceptivo (60,3%) do que os homens (39,7%), sendo esta diferença estatisticamente significativa ( $p = 0,010$ ). Além disso, (48,4%) dos entrevistados já recorreram ao uso da pílula do dia seguinte para si mesma ou para sua parceira sexual. **Conclusão:** Os estudantes de medicina do Brasil tem comportamento sexual reservado ao que se observa em outras populações. Menor número de indivíduos tem sexarca precoce e o uso de preservativo foi expressivo, as mulheres costumam pensar na contracepção como justificativa para o uso do preservativo e os homens na prevenção de DST/aids, observa-se ainda que os homens tomam a iniciativa pelo ato preventivo. A utilização do preservativo na última relação sexual teve um alto percentual dentre os estudados, o que pode ser um bom indicador de que as atitudes preventivas estão presentes. Os estudantes de medicina brasileiros homens costumam ter mais parceiros durante a vida do que as mulheres e há

entre os futuros médicos brasileiros mais relações homossexuais do que na população geral brasileira.

**Referências:**

SALLA, L.F.; QUINTANA, A.M. A sexualidade enquanto tema transversal: Educadores e suas representações. **Revista Educação Especial**, n. 19, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. **Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira**. Série Estatística e Informação em Saúde, 2011. Disponível em <[www.aids.gov.br](http://www.aids.gov.br)>.